

## **A vaca presepeira**

Título original: *Que presepada!*

© João Paulo Hergesel, 2018

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos

Assistência editorial: Olívia Lima

Preparação: Marcia Menin

Revisão: Carla Mello Moreira

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Hergesel, João Paulo

A vaca presepeira / João Paulo Hergesel ;  
ilustrações Taisa Borges. -- São Paulo : Edições SM,  
2018. -- (Coleção Barco a Vapor)

ISBN 978-85-418-2082-0

1. Animais – Literatura infantojuvenil  
2. Literatura infantojuvenil I. Borges, Taisa.  
II. Título. III. Série.

---

18-20211

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5  
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

*Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

1ª edição outubro de 2018

Todos os direitos reservados a

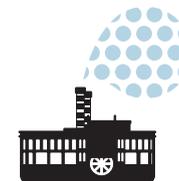
**EDIÇÕES SM**

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br



BARCO  
A VAPOR

# A vaca presepeira

João Paulo Hergesel

Ilustrações  
Taisa Borges



*À Érica, melhor amiga e fã de vacas.  
Ao Vini, melhor amigo e amigo dos animais.  
E aos professores Cláudio e Gilvana,  
meus principais formadores na arte da escrita.*

JP



JUNO SE CONCENTROU, centrou o popozão com duas reboladinhas e se embolou num plano muito bem encaminhado. Caminhou até o pé de acerola, acelerou até o ribeiro e correu pela margem da água corrente, sem imagem do destino. Destruía todas as paredes de brisa que apareciam à sua frente.

Resolveu que era hora de voar. Nunca tinha passado pela experiência, mas já havia visto várias aves ao vivo, leves voos através do vento. Sabia quais atitudes tomar.

Levantou as patas dianteiras, deu um impulso com as traseiras e esticou-se, espreguiçando-se

no ar, não tão perto do chão. Sentiu o cheiro do céu, imaginou o toque das nuvens. Girou os olhos para espiar como estava indo e depa-rou com a poça, antes de se espatifar na lama.

– Vaca louca! – gritou o porco. – Vá meter seus chifres em outro chiqueiro!

Os outros animais da fazenda tentaram se-  
gurar o riso, mas os lábios não eram tão fortes. Se pudessem, até as rosas gargalhariam como grasnaram as gralhas que passavam por ali. Sobrevoando a cabeça da vaca, ridicularizavam:

– Será que, no planeta de onde ela vem, é normal ter vaca atolada?

– E há quem diga que quem não tem avião voa com vaca...

– Só não vou zoar porque seria muita *vaca-  
nagem* da minha parte!

Entristecida, Juno voltou ao curral com o corpo sujo. Poderia pensar positivo, que a lama serviria como tratamento de pele contra carra-patos e queimaduras solares, porém sabia que não estava num *spa*, e o barro logo secaria e endureceria, assim como seu sonho.

Ela era uma profissional natalina. Trabalhava

todo fim de ano como atriz no presépio vivo montado na fazenda. Era uma vaca de presépio, mas queria ser rena do Papai Noel.

Não tinha dúvida de que puxar um trenó voador era uma atividade cansativa, ainda mais tendo que parar de chaminé em chaminé. No entanto, imaginava que o cansaço valeria a pena, o pelo, a pele, o couro, e isso a fazia esboçar um sorriso bovino.

– Ei, vaca! Pare de mostrar os dentes e vá tomar um banho. Já está quase na nossa hora.

O pastor-alemão tinha uma agenda eletrô-nica dentro da cabeça e cuidava para que tudo acontecesse no horário certo. Às 18 horas, o presépio precisava estar montado, no meio das lâmpadas piscantes, para o feliz Natal da meia-noite.

Imersa no lago, Juno pensava em como seria mais fácil se existisse um elefante na fazenda: bastaria ele borrifar um pouco de água com a tromba, e o chuveiro estaria feito. Se bem que o chuveiro não seria tão melhor do que o lago: no lago tinha xixi de peixe, enquanto no chuveiro improvisado teria meleca de elefante.



Queria, de verdade, era que o elefante voasse. Seria perfeito: o grandalhão poderia lhe ensinar alguns truques, e ela ficaria mais próxima de ser uma rena do Papai Noel.

“Elefantes não voam, sua vaca panaca!”, dizia para si mesma. Talvez chamar a atenção do pensamento ajudasse a fazer com que os sonhos fossem restritos ao momento de dormir.

No horário em que deveria estar na cabeceira da manjedoura, Juno estava na cabeceira da manjedoura. Era uma vaca de lua, mas sabia obedecer e cumprir com as obrigações, ainda que amarrasse o burro de vez em quando.

– Você parece meio triste... – comentou o burro, que não estava amarrado.

– É que eu não queria estar aqui, sabe? Eu queria ser rena, uma rena do Papai Noel.

O burro, muito inteligente, só conseguiu zurrar:

– Ió! Isso não vai dar certo!

– E não vai dar certo por quê?

– Porque... Lembra quando você quis ser solista no coral de Natal, no ano passado?

Juno lembrava... Lembrava muito bem que essa função não tinha dado muito certo. Tudo o que ela cantava saía um pouco distorcido:

*Bate o sino pequenino,  
Sino que vai e vem.  
No pescoço da vaquinha  
Ele toca também.*

Quando tentou cantar *Noite feliz*, a música saiu mais ou menos assim:

*Vaca feliz!*  
*Vaca feliz!*  
*Meu marido*  
*É um boi comprido...*

A canção não fazia sentido, principalmente porque Juno não era casada. Então, ela fez uma terceira tentativa:

*Hoje a noite é bela,*  
*Sou a Cinderela,*  
*A vaca amarela*  
*Fez eu me sujar.*

Depois disso, até o espírito da vaca amarela mandou ela se calar! Mas, nesse ano, não havia mais coro de Natal; era só um presépio vivo, debaixo de uma mangueira, coordenado por um pastor-alemão. Quando caía uma ou outra fruta, o cachorro comia e ficava com cara de cão chupando manga.

– Mesmo assim... – disse a vaca para o burro.  
– Eu queria estar junto do Papai Noel, puxando o trenó do velhinho pelos céus. Mas tem horas que acho que é melhor deixar os sonhos para as vitrines de padaria...

– Ió! E por que você não luta pelo que deseja?  
– Se eu nem consigo flutuar pelos ares, como é que seria convocada para a equipe de renas?

O burro, que sempre tinha boas ideias, fez a seguinte sugestão:

– Por que, então, não vai direto ao Polo Norte falar com o Papai Noel? Ele pode usar a magia natalina para fazer você voar.

– Onde é que vou arrumar dinheiro para uma viagem dessas? Você acha que dinheiro dá em árvore?

– Bem, tecnicamente, dinheiro é papel, e papel dá em árvore – filosofou o burro. – Mas, como você não vai convencer ninguém de que as folhas verdinhas são notas de dinheiro, poderia trabalhar em outras épocas do ano.

A ideia agradou a Juno. Como atriz num presépio vivo, ela recebia uma graninha legal, mas trabalhava só uma vez por ano.

Se trabalhasse mais, quem sabe conseguiria financiar as passagens?

Como forma de agradecimento, a vaca deu uma lambida no cabelo do burro e deixou a crina bem arrumada para a virada do dia. Mais tarde, quando o galo, que estava rezando a missa, anunciou a meia-noite, todos comemoraram a família que formavam.

Assim que o dia amanheceu, Juno, que mal havia dormido, começou sua busca por um novo emprego.

– Pode deixar seu currículo – disseram.

– Currículo é uma parte do curral? Não dá para tirá-lo do lugar! – respondeu a vaca.

Então lhe explicaram que ela deveria preencher um formulário com todas as suas qualificações profissionais, e Juno deu continuidade à caminhada.

A vaca foi para o brejo, para o riacho, para as montanhas e chegou à cidade. Não conhecia muita coisa por ali, mas, quando avistava um bicho que falasse sua língua, pedia um emprego.

Voltou para casa um pouco frustrada, porque ninguém queria contratar uma vaca de presépio.



Alguns chegavam a ofender, dizendo que ela só serviria para um churrasco.

O dia passou. Também passaram a última semana do ano e o mês de janeiro. Fevereiro veio com um telegrama trazido por um pombo-correio. Haveria Carnaval. A escola de samba homenagearia o ciclo do leite e precisaria de uma vaca para usar na alegoria. Juno tinha um emprego!